JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

O CAPITAL DE GRANGEIO, O CREDITO, E A AGRICULTURA

(Artigo de 1887)

I

Em todos os paizes bem cultivados o capital de grangeio é enorme em relação ao das agriculturas atrazadas.

N'uma granja prospera da Inglaterra ou da Belgica eleva-se a dez vezes mais que o preço d'um arrendamento, ou ao terço do valor do solo. Note se

Entre nós, como já dissemos, é insufficiente — e para muitos dos pequenos cultivadores quasi não existe.

Melhorar a agricultura sem augmental-o é um empenho irracional, é uma illusão dos que reclamam a sua reforma.

Todas as escholas, que o sr. Navarro estabeleça, ainda quando fundadas a satisfazerem ao seu fim, e nas quaes a incompetencia e a vaidade d'aquelle ministro julgaram ver uma força transformadora, serão n'este sentido inuteis, ou impotentes.

Primeiro qne as escholas estava o credito agricola de que não tratou.

Mas nem mesmo este será um meio prompto e efficaz.

Pois nem o credito? dirá quem me lêr. Nem o credito.

1.º Porque não é facil obter o capital preciso.

2.º Porque do que existe se não conseguirá que entre uma parte nos bancos ruraes a juro modico.

3.º Porque uma exploração lucrativa em agricultura se não faz com capitaes emprestados, e sem capitaes não ha uma reforma dos seus processos tal como a sciencia a aconselha.

4.º Porque, sendo assim, o systema, que exigisse o dobro ou o triplo do capital activo existente, seria ruinoso.

O estado é um concorrente, hoje terrivel. E um devedor sempre necessitado: paga com a bolça do paiz que o garante; é pontual —nunca reduz as despezas, e sustenta um mercado sempre aberto aos argentarios.

Indispensavel é portanto que os nossos agricultores usem de methodos pelos quaes melhorando a sua industria, sem recorrerem ao credito, ganhem ao mesmo tempo e gradualmente o capital de que precisam.

E' forçoso melhorar pelo modo da exploração da terra, e não pelo capital—este deve ser o resultado, e não o meio da reforma.

D'aqui não se segue que não se deva cuidar da organisação do credito agricola, que será proveitoso em casos especiaes; o que não admittimos é que para nós possa reputar-se um meio *geral*, o agente da transformação que se pretende.

II

Eis o methodo que propomos:

A metade ou pelo menos um terço das terras deviam ser applicadas ás forragens.

Estas dariam logar a que se augmentasse o gado, e portanto o adubo.

A mais estrumes corresponde maior producção de cereaes, ainda que a area da cultura se reduza: com menos despeza, e menos trabalho, o terço ou metade das terras araveis produziam ou rendiam assim o mesmo e talvez mais que a totalidade d'aquellas que lhes eram destinadas—alem de que o augmento dos gados é já um augmento de riqueza.

A agoa fornecida pelo governo, ou por associações de proprietarios viria provocar e facilitar esta conversão de algumas searas em pastagens, cujos effeitos são incalculaveis.

As quedas das correntes n'um paiz montanhoso como o nosso haviam de substituir em muitos pontos o vapor, dispensariam o carvão, e dariam á agricultura como á industria uma grande possibilidade de concorrencia com os estranhos.

As terras, augmentando de fertilidade, poderiam ser mais contribuidas sem vexame.

A renda do estado subiria sem violencia.

Esta medida, verdadeiramente economica, por ser reproductora em grande escala, talvez, que por si só, a pouco e pouco, em annos successivos, restabelecera o bom estado das nossas finanças, se é que em algum tempo o houve.

III

As emprezas exploradoras da agoa, que sempre asseguram um juro favoravel, persuadiriam muitos dos nossos capitalistas, e sobretudo os nossos emigrantes enriquecidos no Brasil, a empregarem n'ellas os seus fundos.

Já um dia, depois de 1850, os capitaes brasileiros convergiram para a terra; mas, quando este fecundo movimento mais se pronunciava, os nossos estadistas, que só cuidam de segurar-se na corda bamba do poder, retiraram á propriedade a maior parte dos seus beneficios pela livre ou quasi livre entrada dos cereaes estrangeiros: então os que haviam comprado terras venderam-n'as se poderam, e os que se viram obrigados a conserval-as, arrepederam-se das suas compras.

Como em Portugal se decretam leis de tal importancia sem exame do seu objecto, e com a maior imprudencia, será difficil, ainda que se reconsidere, que volte a confiança aos capitaes retrahidos, receosos de que um novo decreto altere tudo outra vez com a mesma sem-ceremonia.

O que peturba toda a economia de um paiz não convem que se ordene senão depois de um longo e reflectido estudo. Estão n'este caso as modificações das pautas relativas aos productos agricolas.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

ASSUMPTO LOCAL

Dissémos e não nos enganamos que ao illustre articulista da «Patria» merecia o *Cemiterio*, um interesse particular.

Ahi se quedou, dando-lhe a honra de dois artigos, e dos mais que se possam seguir.

E nós acompanhamol-o, não porque nos agrade o local, mas porque estimamos deveras a companhia, e confiamos, em absoluto, na sua lealdade e nos seus nobres e bizarros sentimentos.

Desnecessario era, pois, tranquilisar-nos sobre o receio, que porventura podessemos ter, de que o douto articulista fosse capaz de abuzar da sua competencia *profissional*, passando-nos um *passaporte* para outro mundo, com trasbordo pelo cemiterio da nossa villa.

Isso nunca; nem nós, que vivemos nas relações mais amistosas, nem o indifferente, nem o inimigo pode ter a mais leve suspeita sobre a nobreza d'alma de tão distincto articulista.

O seu muito saber profissional nunca foi, nem será arma de vindicta.

Mas, francamente, ficamos verdadeiramente intrigados, pois não podemos explicar a razão de tanto interesse pelo cemiterio.

O que existe tem satisfeito até hoje ás necessidades da freguezia. Não se transgrediram ainda os preceitos legaes, abrindo sepulturas antes do periodo determinado na lei.

Affirma-se que a terra se farta e depois não consome os cadaveres. Será assim.

Mas quando chegará o periodo da tal fartadella?

Para se responder a esta pergunta era necessario saber-se o numero de sepulturas que ha; o obituario annual da freguezia, o numero de cadaveres que tem sido sepultado *ab initio*, e ainda os diversos elementos de que se compõe a terra.

Ora, sem offensa, permitta-nos o sabio articulista, que lhe digamos, que S. Ex.ª não tem nenhum dos dados indicados, embora os possa vir a adquirir com facilidade, e assim a sua affirmativa carece, por emquanto, de base.

Para a «Patria» a mais urgente necessidade era um novo hospital e um novo cemiterio, e porque nós não concordassemos e optassemos pelas cadeias, e a camara procedesse em harmonia com o nosso pensar, eis a razão da sua pequenina má vontade contra aquella corporação.

A verdade, é que, hospital e cemiterio existem e têm servido continuamente e ainda pódem satisfazer ás necessidades concelhias, emquanto que cadeias não havia, pois a actual casa era provisoria.

Não podemos, porém, levar a mal que o illustre articulista inste por um hospital e cemiterio, pois é justo que procure conseguir todas as,commodidades para as *infelizes*, com quem, diariamente, está em contacto.

Hospital=local de preparação para uma viagem longa; *cemiterio* =local de descanço das fadigas vitaes.

*

Continuando nas suas affirmativas graciosas diz a «Patria» que a camara tem rendimentos para proceder a mudança do actual cemiterio.

Ora nòs sem receio de engano podemos garantir que o illustre articulista ao affirmar tal facto ignorava a importancia das receitas municipaes; a importancia das despezas ordinarias; o custo do terreno para o cemiterio e ainda o das obras mais imprescindiveis.

Affirmar é facil, provar é difficil.

Promette comtudo indicar meios de conseguir novas receitas sem aggravamento das contribuições, bem como promette todo o seu esforço pessoal e valimento dos amigos para alcançar dos donos dos predios fronteiros ao actual cemiterio, dinheiro para o novo cemiterio.

Ora nós duvidamos de tudo isso.

Confunda-nos, pois, o douto articulista, apresentando o sou plano financeiro e indicando quaes as vantagens, que os interessados, mais directamente na mudança do cemiterio, offerecem á camara, que nós desde já lhe podemos assegurar, que empregaremos todos os esforços para que a camara adopte as medidas propostas.

E cremos que a camara as adoptará, porque os actuaes vereadores sempre pozeram e põem acima da *politica*, os verdadeiros interesses do concelho.

Quem assim não procedesse trahiria os seus deveres, e só então é que, com justo motivo, deveria ser censurado.

Preste o douto articulista um serviço ao seu concelho, empregando a sua robusta intelligencia no crescimento das receitas municipaes, sem *aggravamento de impostos*, que *todos* lhe farão a justiça devida, impondo-lhe até o pesado encargo de fazer parte da administração municipal.

O SOCIALISMO

O socialismo, como doutrina, e com este nome, data hoje, como atraz fica dito, de pouco mais de sessenta e quatro annos. Saint Simon, que quiz fundar uma nova religião, juntamente com Augusto Comte, que depois foi o fundador da importante eschola do positivismo, Saint Simon, dizemos, que era um homem de sciencia illustradissimo, apresentou as suas ideias socialistas. Nos primeiros tempos e em seguimento á revolução de 1830 em França foi Luiz Blanc o mais notavel escriptor d'esta eschola. Nos seus livros, e principalmente na sua *Histoire des dix ans* mostra-se sobretudo o adversario da livre concorrencia, do livre commercio e das theorias dos economistas.

Foi tambem por esta epocha que appareceu Charles Fourrier. Mas o socialismo *fourrierista* presta-se mais á satira e á caricatura do que a um estudo sério. O mesmo se póde dizer do socialismo de Cabet.

A revolução de fevereiro de 1848 deu ensejo e largos ás manifestações socialistas, que naturalmente encontraram echo em as classes desfavorecidas, nos descontentes de todas as classes, e ainda nos especuladores que nunca deixam de apparecer em todas as crises politicas e sociaes.

No primeiro congresso legislativo depois da revolução de 1848 chegam a ter uma certa preponderancia os socialistas, e conseguem fazer decretar algumas das suas theorias da organisação do trabalho, como a creação das officinas nacionaes (*ateliers nacionaux*). Interessando d'este modo a numerosa classe operaria, quando as suas exigencias se tornaram impossiveis de satisfazer, veiu a desordem, como era natural.

O governo, para manter a ordem, começou a reacção, e tiveram então logar os famosos *dias de junho* em que um homem até ahi popularissimo, o general Cavaignac, incorreu na impopularidade e no odio dos adeptos e fanaticos das novas ideias e da classe operaria de Paris. Na classe dos proprietarios, dos commerciantes, dos burguezes, dos que tinham a perder, começou tambem então naturalmente a predominar o excesso das ideias conservadoras e reaccionarias. D'ahi veiu a eleição para presidente da republica de Luiz Napoleão, com preterição de homens importantes e respeitaveis, e havia pouco tempo tão populares, como era Lamartine, e como era Cavaignac, que tinha pouco antes salvado Paris da desordem e da anarchia. A' presidencia de Napoleão seguiu-se o imperio.

No meio dos notaveis acontecimentos desde 1848 até á época imperial figuram alguns novos auctores socialistas, distinguindo-se entre elles o celebre Proudhon, que primeiro sustentou a fundamental ideia socialista: *la propriété c'est le vol.*

Mas nem Proudhon nem os outros socialistas francezes chegaram a formular uma doutrina completa e quanto possivel scientifica do socialismo. Esta missão estava reservada aos allemães, que com Karl Marx e Lassale foram os verdadeiros publicistas e agitadores do socialismo contemporaneo.

Em França, em todo o tempo do segundo imperio, o socialismo fez poucos progressos, porque a ideia dominante era a ideia politica, a natural reacção da liberdade contra o absolutismo imperial.

Na Allemanha o socialismo doutrinario foi invadindo mais ou menos todas as classes, e como em regra se não apresentava violenta e revolucionario, chegou não só ás classes proprietarias e commerciaes, mas até ás mais elevadas, entrou nas assembleiaes legislativas,tendo até alguns adeptos segundo se diz, perto ou junto da côrte imperial.

Aqui apparece o grande e radical antagonismo entre as doutrinas socialista e anarchista. O anarchismo quer e defende, até exaggeradamente e sem a minima restricção, a liberdade humana e a livre expansão de todas as iniciativas. O socialismo, e sobretudo o collectivismo, que é a sua phase logica e ultima, confisca absolutamente toda a liberdade e toda a iniciativa individual.

Já Saint Simon, o primeiro dos socialistas segundo a ordem chronologica, ou o percursor do socialismo, era contrario a toda a liberdade, que considerava um elemento de destruição nas epochas criticas, e nunca um elemento de vida nas epochas organicas.

N'este dissentimento do socialismo está a parte verdadeiramente sympathica do anarchismo. Elle não quer governo, porque acha

todo o governo mau, e se não tem n'este ponto razão em absoluto, tem relativamente razão em achar os governos imperfeitos, porque tudo o que é de homem é e será sempre imperfeito, e em todos os governos ha e haverá sempre abusos.

Alguns homens politicos allemães, que, como os politicos de todos os paizes, lançam ás vezes mão de doutrinas em que não acreditam, para fazer a côrte, quando lhes convém, aos grupos que as professam, teem praticado d'este modo com o partido socialista, depois que elle é numeroso e importante. D'este modo procedeu o principe de Bismarck, que mais de uma vez simulou adoptar até certo ponto as ideias de diversos partidos, em que não acredita, como aliás cremos que não acredita, em nenhuma doutrina politica ou social, para chegar aos seus fins politicos do momento.

Mas o allemão é essencialmente logico, e a logica leva os socialistas á ultima e essencial phase do socialismo, que é o *collectivismo*. Este não admitte, de accôrdo com o anarchismo, a propriedade.

Mas se são maus, ou pelo menos imperfeitos, os governos actuaes, que só se occupam de determinados assumptos, deixando os outros á livre expansão da iniciativa individual, o que seriam os governos que se occupassem de tudo, como querem os collectivistas, os governos que fôssem unicos proprietarios, unicos industriaes, unicos commerciantes, unicos constructores, tornando impossivel a liberdade e a iniciativa de todos os cidadãos, ou antes de todas as creaturas humanas, homens, mulheres e creanças? Se a cada momento estamos vendo os erros involuntarios dos governos existentes causarem ás nações em que governam os mais graves prejuizos, que consequencias prejudiciaes e desastrosas não produziriam os erros, sempre possiveis, dos governos do collectivismo, absorventes de toda a acção social?

O menor erro d'essa immensa administração publica, encarregada de tudo dirigir e providenciar poderia trazer e havia de trazer muitas vezes a mais pavorosa crise.

Está claro que não é nossa intenção discutir aqui os principios socialistas, discutidos em numerosas obras, que já hoje constituiriam uma grande bibliotheca. Tocaremos apenas os pontos destinados á conclusão final d'este Estudo.

O ponto de contacto, o unico mas importante entre o anarchismo e o socialismo é, como já dissemos, a suppressão da prosperidade individual. Mas aqui ambas as escholas partem de um principio falso, que é a egualdade natural entre os homens. Pódem decretar, ou supponhamos que pódem, a egualdade completa social. E egualdade natural não, porque a natureza fez os homens deseguaes. Ora, a propriedade individualisa-se tanto mais necessariamente quanto os homens nascem com faculdades muito deseguaes. O robusto e trabalhador produzirá muito, e o debil e preguiçoso pouco. O intelligente e destro produz bem, e o desastrado e estupido ha de produzir mal. A maior parte dos homens, se não ficassem elles pessoalmente proprietarios ou usufructuarios do seu trabalho, não trabalhariam, e bastava que alguns assim procedessem para que a abolição da propriedade individual, não havendo governo, nem auctoridade, nem leis, fôsse impossivel. No collectivismo sim, estes homens trabalhariam; mas trabalhariam *á força*.

A propriedade collectiva não é uma invenção de socialistas ou de anarchistas, e sobretudo não é um progresso; é um retrocesso para epochas primitivas e similbarbaras, e ainda hoje se encontra em paizes e entre raças onde se vive no maior atrazo da civilização. Antes de haver propriedade territorial individual houve propriedade collectiva da familia e da tribu. Na Russia ainda se dá a existencia d'este facto. Dá-se na Argelia, entre tribus musulmanas. E' um resto das epochas barbaras. Em todo caso as propriedades territorias que não pertencem a um individuo, mas a uma collectividade qualquer nunca são tão bem cultivadas nem rendem como as terras que são propriedade individual.

A agricultura, diz-nos a historia foi sempre rudimental e imperfeita sob o regimen da propriedade rural collectiva.

Se fôsse possivel dar uma existencia real ao collectivismo, o primeiro infallivel resultado seria a diminuição da producção e por consequencia um augmento da miseria geral.

(Continua)

Antonio de Serpa

NO CHIADO

O' lama do Chiado, ó lama do bom tom,
Eu quizera fazer-te um bello poema com
A verve de Musset e o rir de Gavarni;
Mas não merece a pena estar a gente aqui
A descobrir, a achar as rimas mais preciosas,
A torcer uma estrophe em espiraes nervosas,
A pôr na reticencia a indiscripção d'um pagem,
A florir n'um bom verso uma brilhante imagem,
E a enroscar n'uma idéa um dito puro e fino
Como os ricos florões d'um portal manuelino,

Para no fim de tudo encher uma columna
D'um jornal de dez réis levado da fortuna,
Que ámanhã dormirá n'uma tenda boçal
Entre um queijo flamengo e uma ode immortal.

Eu sentia-me até bastante resolvido
A cantar n'este instante algum vergel florido,
Uma bocca escarlate, honesta e virginal,
Uma trança d'aurora, riso de crystal,
Tudo o que ha de gentil, de luminoso e puro
—Uma cabeça loira ou um trigal maduro,
E Julieta e Romeu na scena da varanda,
Mas precisava ter um bom papel de Hollanda,
Um typo de Alzevir, um optimo editor,
E sobretudo em vez dos olhos teus, leitor,
O fresco olhar azul d'uma pessoa amada,
Que cobrisse da gloria ingenua da alvorada
Os meus versos pagãos cheios de seiva e flores.
E ao toque do clarim e ao rufo dos tambores,
Fazendo telintar as lanças e as esporas,
Eu mandaria então em legiões sonoras
Um exercito ideal de estrophes coruscantes.
Que iriam desfilar esplendidas, radiantes,
Debaixo do balcão d'essa creança...

Em summa
Tenho estado a soprar n'uma bola de espuma,
Que rebentou. Nem sei a transição que fiz
Da lama do Chiado aos somnos juvenis,
Da phrase de Cambrone ao azul da utopia.

Voltemos ao Chiado. E' já quasi meio dia;
Vamo-nos encostar á porta da Havaneza.
E veja-se passar Lisboa, essa burgueza
Que vae de risca ao meio e vae de fato preto
Ao *sport* da uma hora—á egreja de Loreto.

Alguns velhos leões de nobre gaforina
Onde falta o cabello e sobra a bandolina,
Discutem entre si com toda a auctoridade
Petiscos do Baldanza e córos da Trindade.
Janotas de balcão, Neros hebdomadarios,
Que exercem a virtude em dias ordinarios,
Correndo no domingo ao vicio, aos sorvedoiros,
Lançando-se ás paixões como S. Thiago aos moiros,
Vão meditando já na bachanal tremenda
Aonde á meia noite o dedo da legenda
Escreverá talvez sobre a muralha espessa
Esta negra inscripção: *Dois pintos por cabeça.*

Brunidos de enthusiasmo, esplendidos, jocundos,
Provincianos joviaes da Beira Baixa oriundos,
Observam com prazer e muita admiração
Os progressos que faz a civilisação
Na capital do reino.

Exhibem-se os alferes,
O encanto do inimigo e o terror das mulheres...

Nos grupos do Prazer, do Chic, da Finança
Admira-se um cavallo, uma girafa mansa
Que vae trotando.

A missa está quasi a acabar.
A egreja do Loreto é o piedoso *boudoir*
Onde Christo recebe as preces perfumadas
Das almas do bom tom.

Recrusam-se, damnadas,
No insano frenesim da rubra extravagancia,
Preversas multidões puxadas á substancia,
Calcando dignamente as lamas venenosas,
A lama onde os corceis das raças milagrosas
Mais gostam de imprimir a marca das suas patas,
E onde ás 5 da tarde illustres burocratas
Poisam a nobre planta ornada de galocha.
... .
....

Sinto-me triste. A aurora ingenua desabrocha
Na candura do azul, como uma rosa enorme.
E, emquanto o meu visinho (um brasileiro) dorme
Fazendo variações no cornetim nasal,
Eu filho da Utopia e primo do Ideal
Tenho estado rimando esta canção florida,
Que seria melhor, não sendo tão cumprida.

Guerra Junqueiro.

NOTICIARIO

TEMPO

—

Ha dias que um grupo de devotas e bondosas mulheres tem percorrido as ruas da villa, entoando canticos religiosos ao *Altissimo*, afim de que *Elle*, enternecendo-se da humanidade, faça verter, sobre a terra, agumas gottas d'agua, e accuda d'est'arte á agricultura, cujo aspecto é desolador, antolhando-se-nos, por isso, um anno de fome.

E' um acto commoventissimo, que invade de consternação todas as almas, já pelo fim a que visa, já pela maneira dolente como é desempenhada tão piedosa missão.

—Já vê, pois, o leitor que o tempo não tem corrido como se deseja, apezar de ter sido bom; isto é, secco e quente.

No principio da semana houve trovoada; e, quando já todos esperavam uma bôa réga, oh cumulo da decepção!.. não tivemos mais do que uns insignificantes *borrifos*, que não chegaram, sequer para abater o pó.

Em conclusão, o tempo, que ameaçava um temporal medonho e prolongado, apresentou-se-nos bem encarado e secco, e parecenos muito provavel que assim se aguente.

Mas a caldeirada sêcca não tem graça, e portanto, declaramos que queremos *môlho*.

Palavra d'honra, que pela auzencia, que a chuva tem feito, julgamos até que ella já tenha morrido não tornando nós a vir a tel-a.

PESCA

—

Escasseiou a pesca, na costa do Furadouro, na semana finda.

FOLHETIM

O FADISTA

—

O fadista não trabalha nem possue capitaes que representem uma accumulação de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploração do seu proximo. Faz-se sustentar, de ordinario, por uma mulher publica, que elle espanca systematicamente. Não tem domicilio certo. Habita successivamente na taberna, na batota, no chinquilho, no bordel ou na esquadra de policia. Está inteiramente atrophiado pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do tabaco e do alcool. E' um anemico, um covarde e um estupido. Tem tosse e tem febre; o seu peito é concavo, os braços são frageis, as pernas cambadas, as mãos finas e pallidas como as das mulheres, suadas, com as unhas crescidas, de vadio; os dedos queimados e enegrecidos pelo cigarro; a cabelleira fetida, enfarinhada de poeira e de caspa, reluzente de banha.

A ferramenta do seu officio consta de uma guitarra e de um *santo christo*, que assim chamam technicamente á grande navalha de ponta e triplice calço na mola. E' habitado por uma molestia secreta e por varios parasytas da epiderme. Um homem de constituição normal desconjuntar-lhe-hia o esqueleto, arrombal-o-hia com um socco. Elle sente isso e é traiçoeiro pelo instincto de inferioridade. Não ataca de frente, como o espandachim ou o pugilista, investe obliquamente, tergiversando, fugindo com o corpo, fazendo fintas comum a agilidade proveniente do seu unico exercicio muscular—as *escovinhas*,

Não ha senão uma defeza para o modo como elle aggride: o tiro ou a bengala, quando esta seja manejada por um jogador extremamente dextro.

A guitarra debaixo do braço substitue n'elle a espada á cinta, por meio da qual se acamaradavam com a nobreza os pimpões seus ascendentes do seculo XVI. E' pela prenda de guitarra que elle entra de gôrra com os fidalgos, acompanhando-os ainda hoje nas feiras, nas toiradas da Alhandra e da Aldeia-Gallega, e, uma ou outra vez, nas ceias da Mouraria, onde depois da meia-noite se vae comer o prato de *desfeita*, acepipe composto de bacalhau e grão de bico polvilhados de vermelho por uma canada de colorau picante.

Por effeito da tradição na orientação mental da sua classe, elle procura ainda hoje, como ha duzentos annos, parecer-se e confundir-se pelo modo de trajar com os fidalgos ou com os que julga taes. A classe dos fidalgos que tresnoitam hoje pelas tabernas e pelos alcouces de Alfama, que são levantados bebedos dos becos mal afamados que falam em calão e que fazem troças no Collete Encarnado e na Perna de Pau, esta classe de fidalgos, dizemos, compõe-se hoje principalmente de jovens burguezes febricitantes, filhos de honestos logistas ou de pacientes alfayates, desencabrestados da rotina paterna pela educação do lyceu e do collegio nacional escalavrados pelo alcoolismo e pelo mercurio, profundamente corrompidos, profundamente bestialisados. O fadista imita esses senhores na escolha que elles fazem dos seus trajes de pandega. Usa como elles a bota fina de tacão apiorrado ou o salto de prateleira, a calça estrangulada no joelho e apolainada até o bico do pé, acinta, a jaleca de astrakam e o chapeo arremessado para a nuca pelo dedo pollegar, com o gesto classico do grande estylo canalha.

A guitarra, seu instrumento de industria e de amor, dedilha-a elle com um desfastio impavido-deixando pender o cigarro do canto do beiço pegajoso, gretado e descahido; com um olho fechado ao fumo do tabaco e outro aberto, mas apagado, dormente, perdido no vago em uma contemplação imbecil; o tronco do corpo cahido mollemente para cima do quadril; a perna encurvada com o bico do pé para fóra; o *cachucho* da amante reluzindo na mão pallida e escura. Tambem canta, algumas vezes, apoiando a mão na ilharga, suspendendo o cigarro nos dedos, de cabeça alta, esticando as cordoveias do pescoço e entoando as melopeias do fado, em que se descrevem crimes, toiradas, amores obscenos e devoções religiosas á Virgem Maria, com uma voz soluçada, quebrada na larynge, acompanhada da expressão physionomica de uma sentimentalidade de enxovia, pelintra e miseravel;

De resto, o fadista não tem vislumbres de senso moral. Explica os seus meios de vida pelo premio tirado na cautela de pataco, que lhe foi vista na algibeira cebosa do collete. Na batota concilia-se com o furto e com o roubo; na esquadra da policia concilia-se com a mentira; nas suas convivencias do bordel concilia-se com a infamia; e as condições especiaes em que ama e é amado acabam por dissolver n'elle os ultimos restos d'essa dignidade animal para assim dizer anatomica, commum a todos os machos.

Ramalho Ortigão.